

INTERSECCIONALIDADE E ENEM: ANÁLISE DAS QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADES E RAÇA/COR NA PROVA DE LINGUAGENS

Fernando Macedo da Silva

Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas pelo DCH IV/UNEB
fernandomacedo4@outlook.com

Ana Lúcia Gomes da Silva

Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia
analucias12@gmail.com

Simpósio Temático nº 21 - Gênero, Raça, Etnia, E Sexualidade Na Formação Docente

RESUMO

O estudo intitulado Interseccionalidade e ENEM: análise das questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de linguagens é resultado de pesquisa de conclusão de curso de licenciatura e ancora-se na abordagem qualitativa com ênfase na pesquisa bibliográfica na interface com a pesquisa documental. O objetivo central foi analisar como o gênero, sexualidade, raça/cor estão apresentadas nas avaliações do Enem na área de linguagens com recorte de 2009 a 2018. Objetivou-se ainda: realizar o levantamento das questões que tratem de gênero, sexualidades e raça/cor nas questões da prova; compreender à luz da Análise do Discurso Francesa (AD), os conceitos de formação discursiva e memória discursiva no *corpus* de análise, a fim de identificar como as questões elencadas contribuem para o debate acerca da temática objeto deste estudo; analisar nos enunciados das questões os sentidos construídos acerca das temáticas e apresentar como a abordagem dessas questões denunciam e ou contribuem para a manutenção de padrões sociais e legitimação de discursos de verdades. Como principais resultados este estudo revelou que as questões que suscitam um debate interseccional aparecem de forma tímida, somente nos últimos dois anos do recorte temporal. Os discursos materializados nas questões de gênero e sexualidades estão implicados nas relações de poder, na perspectiva dos papéis de gênero, ora naturalizados, ora denunciados. Raça/cor são abordadas ainda circunscritas à colonização e escravização, porém, as questões interseccionadas dos últimos dois anos, já sinalizam pelos marcadores linguísticos apresentados, a abordagem de outros aspectos ligados à negritude.

Palavras-chave: Interseccionalidade. ENEM. Gênero. Raça/cor. Sexualidade.

ABSTRACT

The study entitled Intersectionality and ENEM: analysis of issues of gender, sexualities and race/color in the language test is the result of research at the end of a degree course and is anchored in a qualitative approach with an emphasis on bibliographical research at the interface in documental research. The main objective was to analyze how gender, sexuality, race/color are presented in the ENEM assessments in the field of Languages from 2009 to 2018. It also aimed to: carry out a survey of issues dealing with gender, sexualities and race/color in the test questions; understand, in the light of French Discourse Analysis (AD), the concepts of discursive formation

and discursive memory in the corpus of analysis in order to identify how the listed questions contribute to the debate on the subject of this study; analyze the meanings constructed about the themes in the statements of the questions and present how the approach of these questions denounce and/or contribute to the maintenance of social standards and legitimization of truth discourses. As main results, this study revealed that the issues that raise an intersectional debate appear timidly, only in the last two years of the time frame. Discourses materialized in gender and sexuality issues are implied in power relations, from the perspective of gender roles, sometimes naturalized, sometimes denounced. race/color are addressed still circumscribed to colonization and enslavement, however, the intersecting issues of the last two years already signal, through the linguistic markers presented, the approach of other aspects related to blackness.

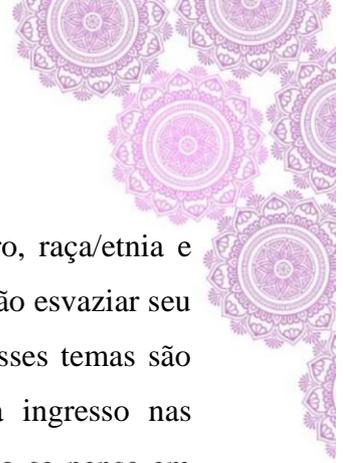
Keywords: Intersectionality. ENEM. Genre. Race/color. Sexuality

Introdução

O presente estudo toma como objeto, as provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM no período de 2009 a 2018. Considerando que a prova de Linguagens também é composta por 5 questões em Língua Espanhola e cinco em Língua Inglesa, ressalto que tomarei apenas as questões em Língua Portuguesa, por ser a língua oficial do Brasil e por ser a minha área de formação. Para dar conta do objeto proposto, partimos da seguinte pergunta de pesquisa: Como têm sido tratadas as questões de gênero, sexualidades e raça/cor na prova de Linguagens, códigos e suas tecnologias ENEM? Para responder ao problema de pesquisa outras questões norteadoras se apresentam tais como: Quais abordagens têm sido utilizadas no trato dessas questões? Quais aspectos são priorizados nas questões das avaliações acerca da diversidade tendo como recorte as questões de gênero, sexualidades e raça/etnia. Há representação das formas de diversidades nas avaliações propostas? Quais? Os temas são tratados de maneira a contribuir para a erradicação das diversas formas de discriminação? As questões tendem a denunciar e/ou reforçar padrões de comportamento?

Para responder à questão investigativa deste estudo realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como método a pesquisa bibliográfica, que foi dividida em duas etapas: primeiro a revisão sistemática num recorte temporal de 2009 a 2018. Logo após foi feito levantamento e seleção das questões do ENEM da prova de Linguagens, códigos e suas tecnologias no portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP no período abrangente a 2009 - 2018, que constituem *o corpus* de análise deste trabalho.

A relevância do estudo se dá à medida em que se propõe a discutir a temática, apontar os desafios e as perspectivas e analisar de que forma a abordagem corresponde com as expectativas e



realidades sociais atualmente. Acrescente-se ainda, que além das categorias gênero, raça/etnia e sexualidades estarem imbricadas, representam uma intersecção necessária a fim de não esvaziar seu conteúdo e aspectos epistêmicos e políticos, de modo a tensionar a forma como esses temas são abordados nas provas do ENEM, que além de um programa de seleção para ingresso nas universidades, é também um meio de avaliação do Ensino Médio. Portanto, quando se pensa em avaliar deve se levar em consideração o currículo e sobre ele nos interrogar.

Daí suscitarmos a problemática dessas questões em relação ao currículo, pois compreender gênero, sexualidades e diversidade de raça/cor de forma interseccionalizada amplia a compreensão de como o machismo, racismo, sexismo entre outras formas de opressão, criam seus mecanismos de naturalização através do discurso. Compreender tais temáticas como sendo relevantes para o currículo é o primeiro passo para a efetivação de uma pedagogia que priorize o indivíduo enquanto ser único, porém, diverso promovendo práticas curriculares e educativas nos quais a diversidade seja colhida e respeitada, promovendo configurações sociais, culturais e políticas nas quais os homossexuais, os negros, as mulheres, os indígenas tenham acesso irrestrito à cidadania.

Desta forma, com este estudo buscamos responder aos seguintes objetivos específicos: realizar o levantamento das questões que tratem de gênero, sexualidades e raça/etnia nas questões da prova de Linguagens do ENEM; compreender à luz da Análise do Discurso Francesa, os conceitos de formação discursiva e memória discursiva no *corpus* de análise e como essas questões contribuem para o debate acerca da temática que tratem de gênero, sexualidades e raça/etnia; analisar nos enunciados das questões os sentidos construídos acerca das temáticas e apresentar como a abordagem dessas questões denunciam e ou contribuem para a manutenção de padrões sociais e legitimação de discursos de verdades.

Interseccionalidade, por que e para que?

A interseccionalidade “surge da crítica feminista negra às leis de antidiscriminação subscrita às vítimas do racismo patriarcal. Como conceito da teoria crítica de raça, foi cunhado pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw”. (AKOTIRENE, 2018, p.13). Neste sentido, estudiosos do campo do feminismo e dos estudos de gênero ao pesquisar e discutir as origens e

teorias assumem a interseccionalidade advinda das tensões próprias dos feminismos (BILGE, 2009; VIGOYA, 2008; PISCITELLI, 2008; DORLIN, 2005).

A maior parte dessas pesquisadoras tomam a interseccionalidade como uma das principais contribuições teóricas para os estudos feministas, constituída como uma das perspectivas da terceira onda do feminismo, que possui ainda, as abordagens pós-estruturalistas e pós-modernas, a teoria feminista pós-colonial e as demandas das novas gerações feministas. (BILGE,2009).

A interseccionalidade diz da necessidade de não nos olharmos e nos entendermos a partir de uma única identidade, problematizando as identidades a partir da concepção das diferenças, pois nela o foco é compreender como os vários marcadores de raça, cor, gênero, sexualidade, classe contribuem na manutenção das opressões vividas pelas mulheres negras, de acordo com Crenshaw *apud* Akotirene, 2018:

Permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias além do fracasso do feminismo em contemplar as mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista. (CRENSHAW *apud* AKOTIRENE, 2018, p.14).

É justamente nesta fronteira em que a interseccionalidade é compreendida como ferramenta analítica, pois é nesse cruzamento de opressões, que a mulher não branca experimenta, que ela surge para oferecer esse suporte analítico, rejeitando olhar para cada opressão de forma separada.

Considerando a interseccionalidade como categoria de análise Bilge (2009 p.70) aponta que “a interseccionalidade refere-se a uma teoria transdisciplinar que visa compreender a complexidade das identidades e desigualdades sociais por meio de uma *abordagem integrada*” ou seja a identidade do sujeito como um todo atravessada pelos diversos marcadores de gênero, classe, raça, sexualidade, etc.

Dentro dessa rede de conhecimentos e fontes, encontramos a Declaração do *The Combahee River Collective Statement*, coletivo norte americano, cujo nome fora retirado da ação *Combahee River*, que foi a única da Guerra Americana planejada por uma mulher, Harriet Tubman. A declaração do coletivo nos apresenta a razão de existir, sua organização e suas lutas:

Nós somos um coletivo de feministas negras que têm se reunido desde 1974. [1] Durante esse tempo, estivemos envolvidas no processo de definir e clarificar a nossa política e, ao mesmo tempo, fazer trabalho político no nosso próprio grupo e em coalizão com outras organizações e movimentos progressistas. A declaração mais geral sobre a nossa política atual seria que estamos comprometidas ativamente na luta contra a opressão racial, sexual,

¹ Esta declaração data de 1977.

heterossexual, e de classe, e que vemos como a nossa tarefa particular o desenvolvimento de uma análise e de uma prática integradas, baseadas no fato de que os grandes sistemas de opressão são interligados. A síntese dessas opressões cria as condições das nossas vidas. Como mulheres negras, vemos o feminismo negro como o movimento político lógico para combater as opressões multifacetadas e simultâneas que todas as mulheres não-brancas enfrentam.

Diante da declaração nos cabe apontar que a interseccionalidade se apresenta dentro deste coletivo mesmo não estando conceituada, pois é visível que o coletivo tomava como prática a luta centrada no combate as opressões de gênero, raça, classe e sexualidade, reconhecendo que tais sistemas se encontram interligados. O coletivo foi dissolvido em 1980, pois sua organização não muito formal estava focada no grupo de estudos e na participação nas lutas. Assim, as militantes acabaram indo para outros movimentos em que já estavam ativas.

Compreendemos, pois, que a relevância de analisar à luz da problemática interseccional as categorias que elencamos: gênero, sexualidade e raça/cor dá-se porque ela [interseccionalidade] “permite criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça” (AKOTIRENE, 2018, p,33).

Por esse motivo, é que este estudo elenca como categorias teóricas para a análise do *corpus* da pesquisa, gênero, sexualidades e raça/cor, pois reconhecemos nestas três categorias relevância para compreender a manutenção, reprodução e/ ou o rompimento dos discursos pré-concebidos, os já ditos, acerca de relações sociais de poder que se imbricam e se relacionam no entrelace de gênero, sexualidades e raça/cor, mantendo ou rompendo com padrões que são responsáveis por oprimir e marginalizar as expressões de ser e estar no mundo de pessoas que não se adequam aos padrões impostos socialmente. Além disso, como nos aponta Ana Lúcia Silva e Teixeira Filho (2017),

[...] As desigualdades ainda persistem de modo estrutural quando cruzamos gênero com outros marcadores sociais, como geração e raça/etnia, ratificando que não se pode empreender esforços para uma educação básica de qualidade social, sem o olhar interseccionalizado, sob pena de continuarmos esvaziando a luta e as estratégias de combate aos diversos tipos de discriminação que se estruturam na base educacional. (SILVA, 2017, p.354)

Nesta perspectiva argumentativa dialogamos com a autora por considerar que as categorias que sustentam este estudo, são estruturantes e tendem a nos colocar ante ao desafio de observar e compreender como a intersecção desses marcadores suscitam opressões que se apresentam no meio educacional e demais esferas sociais, para que nossos olhares interseccionalizados consigam

empreender atitudes e práticas no intento de construir cenários inclusivos pautados no respeito à diversidade e na valorização das identidades do outro.

Análise do Discurso: Dos gestos de interpretação à memória discursiva na materialidade do ENEM

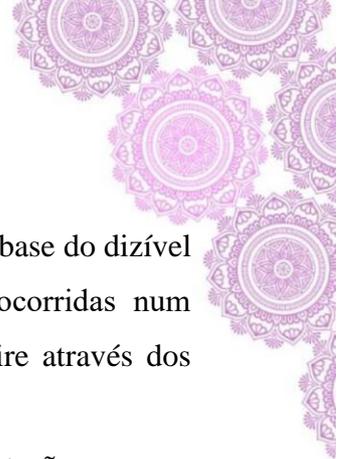
Na AD os objetos simbólicos que constituem a materialidade do texto são responsáveis pela produção de sentidos e é a partir da análise dos gestos de interpretação que o simbólico intervém no real do sentido. O que se pretende na AD é a compreensão de como um “objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. (ORLANDI, 2009, p. 26). Assim compreendido, é necessário explicar como o texto elabora e organiza os gestos de interpretação que relacionam o sujeito e o sentido produzido. Segundo (PÊCHEUX, 2009, p. 146), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe em si mesmo”, porque para isso elas dependem das posições ideológicas que se confrontam no processo discursivo.

Outro ponto a que se faz necessário abordar é que, o sentido das palavras depende da Formação discursiva (FD) a que o sujeito está vinculado, de acordo com Orlandi, a formação discursiva, [...] se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2009, p. 43). Destarte, Formação discursiva constitui-se então como os dizeres e silêncios característicos dos sujeitos em determinadas posições, espaço e tempo, pois ela “revela formações ideológicas que a integram” (FERNANDES, 2008, p.39), e também abarca “em seu interior a presença de vários discursos ao que, na Análise do Discurso, denomina-se Interdiscurso” (FERNANDES, 2008, p. 39).

Assim, percebemos que o dizer pode passar a ter um outro sentido a depender da FD onde ele é produzido, então estabelece-se o gesto interpretativo que busca no simbólico os efeitos de sentido que essa FD suscita.

As condições de produção consideram os sujeitos e as circunstâncias, situações que permitem que ocorra a materialização do discurso. Schneider (2015, p. 40) afirma que: “são elas que permitem compreender o contexto de produção, sendo possível relacioná-las com o momento do enunciado e seu contexto sócio-histórico ideológico”.

Dentro dessas condições de produção está o que nos interessa no recorte do nosso estudo, a memória discursiva que (ORLANDI, 2009, p. 31) conceitua como: “saber discursivo que torna



possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível sustentando cada tomada de palavra” é nela que se identificam as mudanças ocorridas num discurso, os deslocamentos, e as novas significações que um acontecimento adquire através dos novos enunciados que são formados na desestabilização do que é/já foi dito.

Neste sentido as noções da AD tanto no que diz respeito aos gestos de interpretação como na memória discursiva, foram utilizados no nosso estudo de maneira a atender aos objetivos que foram elencados, para responder ao problema de pesquisa quanto a intersecção de gênero, sexualidades, raça/cor na prova de Linguagens do Enem num período de uma década, a fim de percebermos como tem sido abordadas as questões de gênero, sexualidades, raça/cor nas questões de Linguagens do ENEM.

Genêro, raça/cor sexualidade Interseccionalizados ou não?

No levantamento feito dentro do recorte temporal de 2009 a 2018, foram encontradas 19 questões nas temáticas elencadas para este estudo como ilustrado nos quadros 01 e 02, porém por limitação necessária transcreveremos para este apenas 04 (quatro) análises, o que não prejudica a compreensão do nosso leitor, uma vez que, as análises avançam e retomam as temáticas.

Quadro 01: Número de questões por ano

2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	TOTAL
0	3	0	2	2	0	1	0	4	7	19

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Quadro 02: Número de questões por categorias

Anos	Gênero	Sexualidade	Raça	Intersecção
2010	2		1	
2012	2			
2013	1		1	
2015			1	
2017	2			2 (gên., raça, classe)
2018	5	1		1 (gên., raça)

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Desta forma, observaremos a materialidade discursiva (texto verbal e imagético) da questão e da alternativa dada como correta para realizar nossa análise. Seguimos a cronologia de ordem



crescente das edições das questões para fazer as nossas análises, exceto quando necessitarmos relacionar uma questão à outra.

Buscaremos responder em quais perspectivas são abordadas as questões de gênero, sexualidades e raça/etnia na prova, se elas suscitam olhares e debates interseccionais e se denunciam ou reforçam comportamentos.

Nesta esteira analítica, abordaremos então a questão 132, do caderno azul de 2012.

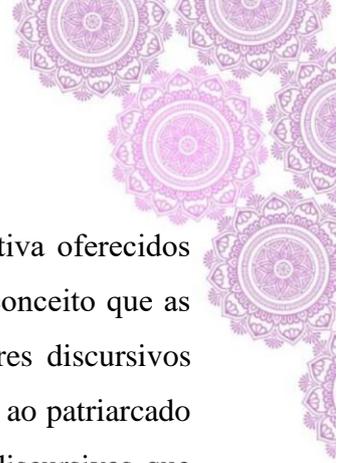
Figura 01 – Questão 132: Lugar de mulher também é na oficina

<p>QUESTÃO 132</p> <p>Lugar de mulher também é na oficina. Pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva fornecidos pela Prefeitura, a presença feminina tem aumentado ano a ano. De cinco mulheres matriculadas em 2005, a quantidade saltou para 79 alunas inscritas neste ano nos cursos de mecânica automotiva, eletricidade veicular, injeção eletrônica, repintura e funilaria. A presença feminina nos cursos automotivos da Prefeitura — que são gratuitos — cresceu 1 480% nos últimos sete anos e tem aumentado ano a ano.</p> <p><small>Disponível em: www.correiodeuberlandia.com.br. Acesso em: 27 fev. 2012 (adaptado).</small></p>	<p>Na produção de um texto, são feitas escolhas referentes a sua estrutura, que possibilitam inferir o objetivo do autor. Nesse sentido, no trecho apresentado, o enunciado “Lugar de mulher também é na oficina” corrobora o objetivo textual de</p> <ul style="list-style-type: none">A demonstrar que a situação das mulheres mudou na sociedade contemporânea.B defender a participação da mulher na sociedade atual.C comparar esse enunciado com outro: “lugar de mulher é na cozinha”.D criticar a presença de mulheres nas oficinas dos cursos da área automotiva.E distorcer o sentido da frase “lugar de mulher é na cozinha”.
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Questão 132 do caderno azul, p. 18, 2012 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

O texto da questão 132 nos direciona aos saberes e dizeres de uma memória que diz do lugar da mulher, a SD “lugar de mulher também é na oficina” (linha 1) nos remete a outro já dito “lugar de mulher é na cozinha”. Assim, percebemos que a SD busca por construir um discurso antagônico com o segundo dito, o qual filia-se à uma FD machista acionada pelo pré-construído de que o papel da mulher é cozinhar, cuidar dos afazeres domésticos no campo do privado. Percebemos que ao escolher o termo “também” o texto direciona nossa interpretação para uma FD que refuta a anterior, pois aciona o dizer de que as mulheres podem assumir outros papéis, outras profissões além de dona de casa, suscitando que o leitor/a acione neste movimento interpretativo, que o lugar da mulher é onde ela quiser, na oficina mecânica, na engenharia, a fim de apontar as relações assimétricas ainda existentes quanto ao trabalho feminino x masculino. Percebemos então a marca da divisão sexual do trabalho, que conforme aponta Hirata (2007, p.599) “tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social (políticos, religiosos, militares etc).”

Podemos perceber como as práticas atravessadas por determinadas formações discursivas, criam e regulam os estigmas e opressões que estão implicados dentro das relações sociais, como é o caso dos trabalhos tidos como para o homem, e dos trabalhos tidos para as mulheres.



Ao analisarmos a SD “pelo menos nas oficinas dos cursos da área automotiva oferecidos pela prefeitura” atribuímos um possível sentido que se refere à dificuldade e o preconceito que as mulheres ainda enfrentam para adentrar nesta área de atuação, visto que os saberes discursivos ainda latentes de modo explícito ou implícito na sociedade, remetem ao machismo e ao patriarcado ao relegar os papéis femininos ao lar e à família, ou também à outras formações discursivas que condicionam as áreas de atuação masculina mais voltadas às exatas, engenharias, tecnologias etc. e as áreas femininas como as humanas, magistério, enfermagem, etc.

O uso da expressão “pelo menos”, ao tempo que denuncia essa dificuldade, divulga ao sujeito-leitor que há um local onde as mulheres têm tido espaço.

A materialidade do texto apresenta ainda uma série de dados que informa ao interlocutor a crescente presença feminina nos cursos automotivos, assim com a análise da SD “a presença feminina tem aumentado ano a ano”. Podemos constatar que o argumento presente na mesma, reforça o dizer constituído na SD “lugar de mulher também é na oficina”.

Sobre a ordem da questão é pertinente ressaltar a reflexão feita sobre a materialidade do texto, pois as escolhas referentes ao texto possibilitam ao leitor/a inferir o objetivo do autor, uma pista interpretativa ao interlocutor (aluno-avaliado). Logo após é explicitado como exemplo, a escolha da SD “lugar de mulher também é na cozinha” e questionado ao interlocutor a que objetivo textual corrobora tal escolha, a ordem da questão é fechada com a alternativa A, demonstrando que a situação da mulher mudou na sociedade contemporânea.

Figura 02 - Questão 40: a lavadeira e os estigmas raciais e de classe

<p>QUESTÃO 40</p> <p>A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, eram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma Índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia-lhes o rosto, já não comiam com a mesma saciedade e recusavam-se a elogiar os pastéis de picadinho de carneiro, os folheados de nata e tâmara, e o arroz com amêndoas, dourado, exalando um cheiro de cebola tostada. Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver.</p> <p><small>HATOUM, M. <i>Relato de um certo Oriente</i>. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.</small></p>	<p>Ao apresentar uma situação de tensão em família, o narrador destila, nesse fragmento, uma percepção das relações humanas e sociais demarcada pelo</p> <ul style="list-style-type: none">A predominio dos estigmas de classe e de raça sobre a intimidade da convivência.B discurso da manutenção de uma ética doméstica contra a subversão dos valores.C desejo de superação do passado de escassez em prol do presente de abundância.D sentimento de insubordinação à autoridade representada pela matriarca da família.E rancor com a ingratidão e a hipocrisia geradas pelas mudanças nas regras da casa.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Questão 40 do caderno azul, p. 16, 2017 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Para esta análise no apoiaremos na SD “A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito e não mais como escrava”. O que conseguimos inferir, é que este dizer aciona outros dizeres, pré-construídos como: passar a ser um serviçal garante uma posição mais privilegiada que a



de escrava e, apoiados nessas afirmações podemos constatar que o lugar da mulher aqui é tomado pela subalternidade, ao interseccionar os marcadores de gênero e de raça/etnia e de classe, pois a escrava em questão, trata-se de uma índia. Constatamos que a opressão marca uma formação discursiva que toma o lugar desta como o da clandestinidade, da invisibilidade o que é possível concluir pela SD “eles nunca suportaram que uma índia passasse a comer na mesa da sala, comendo com os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios os mesmos cristais dos copos e as mesmas porcelanas das xícaras de café”.

As regalias de que passa a dispor a lavadeira é o que desenrola o principal conflito da narrativa. O novo comportamento dela colocou em movimento as relações de poder estabelecidas na família, que via o novo comportamento do serviçal como uma ameaça aos costumes familiares.

A ordem da questão toma a centralidade do fato narrado como tensão em família, direcionando o leitor para responder o que demarca a percepção das relações humanas e sociais presente na narrativa. No gabarito oficial a alternativa A) “predomínio dos estigmas de classe e raça sobre a intimidade da convivência”, conclusão à qual percebemos ser possível chegar na verificação das marcas discursivas abordadas anteriormente, porém, cabe aqui acrescentar que a questão apaga o marcador de gênero ao reportar-se apenas a classe e raça.

É necessário não deixar de fora nenhum marcador social da diferença, pois as identidades precisam ser tratadas e analisadas “em pé de igualdade” para que se evitem as hierarquias e superposições de um marcador sobre outro, como aponta Akotirene (2018) é necessário que raça traga subsídios de classe, raça, gênero, sexualidade etc. para que estes estejam em um patamar de igualdade analítica.

Figura 03 – Questão 24: Produtos de beleza e a estética do racismo

QUESTÃO 24

A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo

Resumo: Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.

Palavras-chave: Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.

SANTANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo. Dossiê: trabalho e educação básica. *Margens Interdisciplinar*. Versão digital. Abaetetuba, n. 16, jun. 2017 (adaptado).

O cumprimento da função referencial da linguagem é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico. Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida pela

- A impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em “Este artigo tem por finalidade” e “Evidencia-se”.
- B seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em “imaginário racista” e “estética do negro”.
- C metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões “descolonização estética” e “discurso midiático-publicitário”.
- D nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como “inferiorização” e “desvalorização”.
- E adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em “ética da diversidade” e “descolonização estética”.

Fonte: Questão 24 do caderno azul, p. 11, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Nesta questão o texto utilizado é um resumo de artigo acadêmico intitulado: “A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo”. Ressaltamos a utilização dos termos “estética do racismo”, pois esta demarca uma posição ideológica da autora, a qual considera que o racismo em meio à representação de negros e negras nos produtos compõe uma estética.

Ao prosseguirmos na análise do texto ressaltamos a seguinte SD: “a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista, apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira” percebemos neste enunciado os saberes discursivos de que as exclusões sofridas pelos negros são negadas e minimizadas na representação dos produtos de beleza. A SD: “A análise do material imagético aponta a desvalorização da estética do negro, especialmente da mulher negra e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados com o uso dos produtos a serem apresentados” marca uma posição ideológica que aponta dentro de uma formação discursiva que os produtos de beleza desvalorizam a imagem de negros e negras e propagam um ideal de beleza tomado pela estética branca, a qual deve ser alcançada pelos negros na utilização dos produtos.

Podemos perceber que a formação discursiva presente na SD: “considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade”. Ressalta que é importante ações na sociedade valorizando a beleza negra de modo a fazer com que esta se veja

representada e empoderada rompendo com ideais coloniais e de valorização da estética branca. Seria assim o negro dispor de sua imagem valorizada, empoderada e não mais inferiorizada, como aponta (SOUZA, 2016, p. 107) “apesar dos sofrimentos e dos abalos na compreensão de “si mesmo”, é preciso carregar o entendimento de pertença e de integração”, é preciso sentir-se incluído e representado.

Para finalizar nosso bloco de análises traremos agora a questão 14 de 2018.

Figura 04 – Questão 20: Vó, a senhora é lésbica? A sexualidade silenciada

QUESTÃO 20

Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”. Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. [...]

[...] Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar.

POLESSO, N. B. Vó, a senhora é lésbica? Amora. Porto Alegre: Não Editora, 2015 (fragmento).

A situação narrada revela uma tensão fundamentada na perspectiva do

- A** conflito com os interesses de poder.
- B** silêncio em nome do equilíbrio familiar.
- C** medo instaurado pelas ameaças de punição.
- D** choque imposto pela distância entre as gerações.
- E** apego aos protocolos de conduta segundo os gêneros.

Fonte: Questão 20 do caderno azul, p. 9, 2018 In: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>

Para análise abordaremos aqui as SD: “Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para vó”. Atribuímos a esta SD o possível sentido de que a narradora toma sua situação de lésbica como algo a ser escondido, não revelado para sua família, o que comprovamos na complementação de sua fala “Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas”, e na SD: “A vergonha estava estampada na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação”. Percebemos aqui que a narradora é interpelada por uma formação discursiva que toma a exposição da sua sexualidade como algo a lhe causar vergonha, intimidação no seio familiar, percebemos que no momento de leitura o sujeito-leitor aciona os conhecimentos do interdiscurso ao buscar na memória a condição das pessoas homossexuais na sociedade; um cenário que foi e ainda é marcado pela exclusão, tomada pelas famílias muitas vezes como vergonha, desgosto e abominação.

Ao refletir sobre a relação que tem com a sua namorada, a narradora utiliza o termo naturalidade contrapondo sobre a insegurança que sente para contar da sua sexualidade para sua

família, em que é possível perceber as confusões suscitadas ancoradas nos estigmas opressores a que a narradora ainda teme.

Compreendemos que o medo vem da negação, da vigilância e da punição já esperada, por isso é necessário reafirmar da necessidade de luta para que as diversas formas de expressão da sexualidade sejam visibilizadas e não silenciadas, como nos aponta (FOUCAULT, 2004, p.119) “É necessário lutar para dar espaço aos estilos de vida homossexual, às escolhas de vida em que as relações sexuais com pessoas do mesmo sexo sejam importantes.”

Compreendemos também o medo implícito advindo das tensões que são geradas no seio familiar, tendo em vista a família como organização social fazendo parte do que Althusser (1980) chama de Aparelhos ideológicos de Estado (AIE), que são compostos por um certo número de realidades que se apresentam ao observador como instituições distintas, como podemos citar o Aparelho Ideológico Religioso, Aparelho Ideológico Escolar, Aparelho Ideológico Familiar etc. postulado isto observamos assim que a família que determinada vezes oprime e segrega por não conceberem expressões da sexualidade que fujam da concepção binária e heteronormativa, não podemos negar que as questões da sexualidade vêm tomando espaço e sendo visibilizadas inclusive nas mídias, porém nem sempre a visibilização retorna como positiva em alguns setores a exemplo da família, das igrejas etc.

É justamente destes efeitos contraditórios que a perspectiva do medo, da vivência dos armários ainda é tão presente nas vidas de tantas pessoas, é o medo de perder o amparo da família, do julgamento nas suas congregações, no local de trabalho e de estudo. É o medo diário da falta de segurança no país que mais mata LGBTTTQIA+ no mundo.

A ordem da questão retorna ao fragmento questionando “A situação narrada revela uma situação descrita na perspectiva do” que é complementada pela assertiva B) silêncio em nome do equilíbrio familiar, corroborando assim com as nossas análises.

Conclusões

O estudo evidencia ainda que os temas abordados no ENEM tendem a denunciar os estigmas e opressões, fato esse, tomado como positividade, por percebermos um caráter marcante de problematização dos estigmas dos papéis sociais de gênero. Também constatamos que os discursos fazem emergir saberes e sentires sociohistóricos que, a depender da formação discursiva do aluno-

candidato avaliado, o sujeito leitor possa acionar como denúncia ou como reforço que naturaliza estereótipos e assimetrias de gênero, por exemplo.

Há ainda questões que estimulam a apreensão de sentido único pela limitação da assertiva adequada à questão, pois notamos que ao tomar a materialidade dos textos para discutir aspectos essencialmente linguísticos, o exame acaba por apagar toda carga discursiva das questões, o que implica direcionamento e uma concepção de texto não marcada como prática discursiva e sim com caráter ainda de decodificação e não de construção de sentidos.

Há, porém, avanços que são justificados pelas questões trazidas nos últimos dois anos ao apresentar questões que oferecem elementos para uma discussão interseccionalizada, pensando as avenidas identitárias, entrecruzadas pelos marcadores que formam junto com raça as matrizes geradoras de sistemas opressores.

Considerando as mudanças que se configuram no governo brasileiro atual, o cenário, político, educacional e econômico, atravessam de igual modo perdas de direitos e retrocessos que marcam a história dos avanços educacionais, sobretudo no tocante às políticas de formação na interface com a diversidade, como por exemplo, algumas políticas e programas de formação desenvolvidos pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), transformada em SECADI, ambas extintas atualmente. Deste modo, este estudo se revela histórico e ainda mais desafiador, suscitando desdobramentos e novas análises das provas do ENEM, na atual conjuntura geopolítica que nos convoca e nos mobiliza para outros modos de fazer pesquisa na educação, tendo a diversidade como princípio educativo.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. **Diogène**, n. 225, p. 70-88, Jan./Mars 2009.

BRASIL. ENEM. Provas e gabaritos. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>>. Acesso em: 22 de out. 2018.

BRASIL. Decreto n. 7.480, de 16 de maio de 2011. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores (DAS) e

das Funções Gratificadas do Ministério da Educação e dispõe sobre remanejamento de cargos em comissão. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 maio 2011. Disponível em: Acesso em: 17 jul. 2019.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, “**Manifesto**”. As novidades de sempre. 2013. Disponível em: <<https://rodrigossilvadoo.blogspot.com.br/2013/11/declaracao-do-coletivocombahee-river.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

DORLIN, Elsa. De l’usage épistémologique et politique des catégories de ‘sexe’ et de ‘race’ dans les études sur le genre. **Cahiers du Genre**, n. 39, p. 83- 105, 2005.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Paulo: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: M. B. de Motta (Org.) **Ética, sexualidade, política/ Michel Foucault**: Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 264-287. 2004.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.0

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul./dez. 2008.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da & TEIXEIRA FILHO, Roberto Santos. Relações de gênero e geração: pistas de cartografias iniciais. In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco (org.). **Diferenças e desigualdades no cotidiano da educação básica**. 1. ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2017, v. 1, p. 9-401.

SOUZA, Antônio José de. **Identidades e cultura afro-brasileira na docência da roça**: documento de referência para educação básica. 2016. 147 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina - BA, 2016.

VIGOYA, Mara Vivero. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade en el contexto latinoamericano actual. **Revista Latinoamericana de Estudios de Familia**, v. 1, p. 63-81, enero/dic. 2009.